

INVISIBILIDADE E ESTEREÓTIPO: O APAGAMENTO DA MULHER NEGRA EM *PONCIÁ VICÊNCIO* (2017) DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Edilaine Ferreira Leal¹

Joselita dos Santos²

Maria Cleunice Fantinati da Silva³

RESUMO: A pesquisa teve como objetivo analisar as formas de invisibilidade e apagamento que marcam a representação da mulher negra na obra *Ponciá Vicêncio* (2017), de Conceição Evaristo. Adotou-se metodologia de caráter bibliográfico, com seleção e leitura do *corpus* e mobilização de referenciais teóricos, destacando-se Ribeiro (2018), Kilomba (2008) e Candido (2011), que permitiram discutir as intersecções entre literatura, gênero, raça e poder. Os resultados indicaram que a mulher negra, na narrativa e no contexto social, é submetida a mecanismos sistemáticos de marginalização, expressos no silenciamento de sua voz, na negação de sua existência e na subestimação de sua pluralidade identitária. Conclui-se que tais processos reforçam estruturas de opressão tanto no campo literário quanto na vida social, limitando o reconhecimento de seu protagonismo.

Palavras-chave: Literatura feminina. Mulher negra. Invisibilidade. Estereótipo.

INVISIBILIDAD Y ESTEREOTIPO: EL BORRADO DE LAS MUJERES NEGRAS EN *PONCIÁ VICÊNCIO* (2017) DE CONCEIÇÃO EVARISTO

RESUMEN: La investigación tuvo como objetivo analizar las formas de invisibilidad y borrado que marcan la representación de las mujeres negras en la obra "Ponciá Vicêncio" (2017) de Conceição Evaristo. Se adoptó una metodología bibliográfica que incluyó la selección y lectura del corpus y la movilización de marcos teóricos, destacando Ribeiro (2018), Kilomba (2008) y Candido (2011), lo que permitió debatir las intersecciones entre literatura, género, raza y poder. Los resultados indicaron que las mujeres negras, tanto en la narrativa como en el contexto social, están sujetas a mecanismos sistemáticos de marginación, expresados en el silenciamiento de sus voces, la negación de su existencia y la subestimación de sus identidades plurales. Se concluye que estos procesos refuerzan las estructuras de opresión tanto en el ámbito literario como en la vida social, limitando el reconocimiento de su protagonismo.

Palabras clave: Literatura femenina. Mujer Negra. Invisibilidade. Estereotipo.

Introdução

¹ Licenciada em Letras com habilitação em Língua e Literaturas de Língua Portuguesa e Língua Espanhola, ofertado pela Universidade do Estado de Mato Grosso UNEMAT, Polo de Vila Rica.

² Licenciada em Letras com habilitação em Língua e Literaturas de Língua Portuguesa e Língua Espanhola, ofertado pela Universidade do Estado de Mato Grosso UNEMAT, Polo de Vila Rica.

³ Orientadora. Doutora em Estudos Literários (PPGEL -UNEMAT), Professora no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Mato Grosso - Campus Tangará da Serra -MT e DEAD- UNEMAT.

Conceição Evaristo nasceu em 29 de novembro de 1946, em Belo Horizonte, no estado de Minas Gerais. Trabalhou como empregada doméstica e, posteriormente, tornou-se professora. Kursou a faculdade de Letras, fez mestrado e doutorado, e, em 2024, tornou-se a primeira mulher negra a ingressar na Academia Mineira de Letras. Sua trajetória literária destacou-se por abordar temas como a exploração e a discriminação racial, o ativismo político e a desigualdade de gênero. Sua escrita, corajosa e sensível, é marcada pelo uso de uma linguagem poética e expressiva, com o objetivo de dar voz a grupos historicamente invisibilizados. De origem humilde, negra e oriunda de uma favela, a autora tornou-se uma referência na literatura negro-brasileira, utilizando seu espaço na escrita para representar a população negra, historicamente silenciada pela exclusão e opressão resultantes do processo colonizador brasileiro.

A escritora sabe como transformar a dor, a alegria e as experiências de vida de uma multidão de pessoas, especialmente mulheres negras, em palavras poderosas. Por meio da "escrevivência", uma forma de escrita que brota do cotidiano e das lembranças, ela cria obras que revelam a realidade dos afrodescendentes no Brasil. Embora tenha começado a escrever cedo, Conceição só publicou seus textos aos 44 anos, mas desde então se tornou uma referência importante na luta contra o racismo e o machismo na sociedade e na literatura brasileira.

Assim, a autora encontrou na literatura uma forma de denunciar essas negligências, ser resistência e buscar cenários mais promissores para que mulheres negras possam ocupar mais espaços no campo literário. Nas palavras de Candido, 2011 “toda obra literária é antes de mais nada uma espécie de objeto construído; e é grande o poder humanizador desta construção, enquanto construção” (Candido, 2011. p. 179) e foi isso que Conceição Evaristo fez.

A literatura pode ser compreendida como uma representação da sociedade, que manifesta suas tendências, seus problemas sociais e culturais e o modo como as pessoas se relacionam umas com as outras. Candido (2019) destaca como as obras artísticas refletem as características e valores de uma determinada época e contexto cultural.

Pode-se observar que o contexto sócio histórico e cultural da produção literária brasileira, excluiu de forma contundente, a possibilidade de reconhecimento da escrita feminina, sobretudo de mulheres negras. De acordo com Silva (2024) “mesmo as mulheres pertencentes às elites que eram ensinadas a ler e escrever, ainda lutavam contra muitos

entraves para conseguir produzir literatura, quanto mais publicar seus textos” (Silva, 2024, p.249). Assim, as imposições de uma sociedade machista e preconceituosa, acabaram por silenciar a voz de muitas mulheres escritoras e Conceição Evaristo ocupa, nesse cenário, o espaço da resistência e da não aceitação dessas imposições.

A história da invisibilidade da escrita de autoria feminina

A invisibilidade da mulher escritora na literatura brasileira é uma manifestação que reflete uma série de barreiras sociais, culturais e históricas que as autoras enfrentam ao longo dos séculos, herança de um modelo de sociedade fundada nas bases patriarcais que relegam à mulher um lugar subalterno. Essa invisibilidade pode ser entendida como a exclusão, minimização ou subordinação do trabalho das mulheres no campo literário, com destaque para a negligência de suas contribuições ao longo do tempo, que, muitas vezes, foram ocultadas, desvalorizadas e estereotipadas. Sobre essa perspectiva, Castanheira (2011) corrobora:

[...] sob os impositivos ideológicos de uma colonização econômica e cultural, a mulher deparou-se com graves obstáculos à sua inserção no cenário literário. Prevalecia o pensamento de que as mulheres eram intelectualmente inferiores aos homens, portanto sua forma de pensar e de escrever não era levada em consideração. Por não possuir nem a independência intelectual nem a material - e uma coisa é ligada a outra -, a mulher, a que era considerada moralmente válida, não tinha como avançar muito além dos muros de seus quintais para adquirir uma cultura superior e dar vazão à sua criatividade (Castanheira, 2011, p. 26).

Romper com esse cenário de descrédito e estigma em relação às produções femininas, não foi tarefa fácil, no entanto, algumas escritoras brasileiras se encorajaram a escrever e buscar o reconhecimento. Mesmo diante de toda representação de força e resistência feminina aos paradigmas machistas e patriarcais, apenas no final do século XX foi que se teve uma participação mais expressiva de mulheres na literatura brasileira, que de acordo com Schmidt (1995, p.184) “a literatura feita por mulheres envolve dupla conquista: a conquista da identidade e a conquista da escritura, pois é a partir de então que se começa a ascensão de escritoras com obras que foram ganhando reconhecimento e notoriedade no cenário nacional.

Dessa forma, a busca pelo reconhecimento e valorização da escrita feminina continua sendo uma questão recorrente nos dias atuais, especialmente no que diz respeito à produção literária das autoras negras, que enfrentam de maneira mais intensa a desvalorização e o desrespeito quanto ao seu potencial intelectual. Acerca dessa desvalorização, Telles (1989) corrobora

Para a mulher escrever dentro de uma cultura que define a criação como dom exclusivamente masculino e propaga o preceito segundo o qual, para a mulher, o melhor livro é a almofada e o bastidor, é necessário rebeldia e desobediência aos códigos culturais vigentes (Telles, 1989, p.75).

Entende-se que essa realidade de opressão, silenciamento e violência fez com que muitas grandes escritoras com potencial inigualável tivessem o sonho reprimido. No entanto, não foi o que houve com Conceição Evaristo, que em suas obras denuncia as violências sofridas pelas mulheres negras, o preconceito escancarado e o racismo entranhado na estrutura de um país que se fundou com base na escravidão do povo negro.

A mulher negra é frequentemente marginalizada na literatura, tendo sua pluralidade e potencialidade subestimadas. Sua voz e luta são ignoradas, e ela raramente é vista como agente de transformação. As relações de poder são fortemente evidenciadas e são, conforme Ribeiro, (2018), formas de deslegitimar umas pessoas em detrimento de outras. Houve no Brasil, e ainda há uma significativa desvalorização das identidades negras por meio da dominação, seja racial ou de gênero, tornando a existência negra objeto de exploração.

Na obra *Ponciá Vicêncio* (2017), Conceição Evaristo aborda a invisibilidade da mulher negra ao destacar elementos que evidenciam o apagamento e a opressão de sua identidade e subjetividade. Um ponto fundamental é a construção da protagonista Ponciá, que, ao longo de sua trajetória, enfrenta um ciclo de dor e exploração que dificulta o reconhecimento de sua humanidade e individualidade.

Ponciá Vicêncio vivencia, já na cidade um tipo de violência cruel, que segrega, tira a oportunidade de sonhar, o que reforça as relações de dominação existentes no seio da sociedade brasileira.

Ponciá Vicêncio: exploração e resistência

Ponciá Vicêncio (2017) é um romance de Conceição Evaristo, originalmente publicado em 2003, que narra a trajetória de uma mulher negra, pobre e semianalfabeta. A

memória da protagonista é o fio condutor da trama, e, ao longo da narrativa, são reveladas vivências marcadas por violências, pobreza, racismo e exploração, mas também por resiliência e resistência. A narrativa articula memórias individuais e coletivas, pois, ao reviver o passado por meio das lembranças, Ponciá Vicêncio evidencia fatos e circunstâncias históricas que atravessam a trajetória do povo negro brasileiro.

A obra é essencial para refletirmos sobre os apagamentos e as violências históricas impostas ao povo negro. Além disso, dialoga com outras produções da autora, especialmente no que se refere à resistência e à luta pela sobrevivência. Revela, de forma clara e contundente, o processo de inferiorização da população negra no Brasil, com destaque para as mulheres, que compreendem que escrever “é também divulgar a produção intelectual das mulheres negras, oprimidas, exploradas e silenciadas, além de representar um marco na visibilidade e reafirmação da escrita negra, que, embora tenha conquistado algum espaço no cenário literário nacional, ainda enfrenta grande descrédito. Djamila Ribeiro (2018) observa que, como autora e pesquisadora negra, a escrita constitui uma forma de posicionar as mulheres negras como sujeitos e seres ativos, capazes de construir processos de resistência e reexistência (Ribeiro, 2018, p. 2).

Desse modo, a autora expõe, de forma contundente, problemas enraizados no imaginário coletivo brasileiro, como a herança patriarcal e suas consequências para a população afrodescendente. A obra evidencia a marginalização vivida por homens e mulheres negros, bem como a presença marcante do patriarcado na sociedade brasileira. No entanto, trata-se de um patriarcado que não opera em moldes clássicos. Como afirma Kilomba (2008):

(...) aplicar a noção clássica de patriarcado a diferentes situações coloniais é igualmente insatisfatório, por não explicar o porquê de homens negros não usufruírem dos benefícios do patriarcado branco (Kilomba, 2008, p. 105).

É fundamental compreender que o patriarcado, em contextos coloniais, assume formas complexas, manifestando-se de maneira distinta para homens negros e brancos. Na representação presente em *Ponciá Vicêncio* (2017), observa-se que o domínio masculino não se aplica de forma uniforme, pois, mesmo inseridos nesse sistema, os homens negros, em muitos casos, não têm acesso aos privilégios e benefícios que o patriarcado oferece aos homens brancos.

Essa dinâmica é perceptível em diversos trechos da obra, como no caso de Luandi, irmão de Ponciá, constantemente relegado à subalternidade e ao apagamento. O mesmo ocorre com o soldado Nestor, que, apesar de ocupar um cargo de certa relevância, está submetido à autoridade de um homem branco.

Nesse sentido, é relevante compreender que há uma constante luta da população negra para resistir às mazelas de uma sociedade marcada pela escravidão e pelo genocídio histórico desse povo. A esse respeito, Heloisa Toller Gomes, no prefácio de outra obra de Conceição Evaristo, destaca uma frase proferida por uma personagem do conto: “A gente combinamos de não morrer”. Segundo Gomes, essa frase sintetiza as questões sociais e existenciais que atravessam a população negra brasileira (Gomes, 2019, p. 9).

A literatura de Conceição Evaristo se caracteriza pelo enfrentamento, resistência, contestação e denúncia. Apesar da complexidade do tema abordado, a autora constrói, no romance *Ponciá Vicêncio* (2017), uma narrativa profundamente dolorosa e cruel, utilizando-se, contudo, de uma linguagem fluida e acessível, o que gera um vínculo ainda mais intenso entre o cotidiano retratado e o leitor. Por meio da leitura, somos levados a sentir as dores, as revoltas e as descrenças vividas pelas personagens.

Do início ao fim do romance, é possível sentir as dores, violências e dilemas vivenciados pelas personagens. Logo nas primeiras páginas, encontramos uma passagem profundamente perturbadora, que nos inquieta e causa repulsa pela crueldade que revela um trecho que remete diretamente ao período da escravidão da população afrodescendente. Trata-se de uma lembrança do pai de Ponciá, ainda criança, que, ao servir de pajem para o filho do coronel, é forçado a abrir a boca para que o menino urinasse dentro dela.

(...) o pajem abriu. A urina do outro caía quente por sua goela e pelo canto de sua boca. Sinhô-moço ria, ria. Ele chorava e não sabia o que mais lhe salgava a boca: se o gosto da urina ou o sabor de suas lágrimas. (Evaristo, 2017, p. 17).

A humilhação sofrida pela população negra, bem como a marginalização e a violência persistiram mesmo após a abolição da escravidão. O desrespeito e a desumanização sofridos por essa população são evidências de que o Brasil, em grande parte, não reconheceu plenamente a diversidade de seu povo e ainda mantém vivas as heranças e práticas coloniais.

Um ponto simbólico da narrativa, que nos leva a refletir sobre a herança escravocrata, é o fato de todos os membros da família carregarem o sobrenome “Vicêncio”, o nome do antigo senhor de terras e detentor das liberdades dos homens negros.

Um dos dilemas centrais da narrativa é o sentimento de não pertencimento vivido por Ponciá Vicêncio, que se intensifica na adolescência, quando ela passa a se sentir alheia a tudo, inclusive ao próprio nome. Ela não compreendia o significado de “Ponciá”, nem entendia porque continuava a carregar o sobrenome do senhor branco que detinha o poder sobre sua família. Ponciá não se reconhecia em seu próprio nome, pois sentia-se “ninguém” (Evaristo, 2017, p. 18) e, nessa condição, era incapaz de projetar qualquer perspectiva de futuro. A narrativa, construída a partir de seus pensamentos e lembranças, assume um tom denso e doloroso, revelando a profunda exclusão e a subserviência histórica vivida pelo povo afrodescendente. Então, decide migrar para a cidade grande, em busca de novas possibilidades. No entanto, a realidade urbana se revela igualmente cruel: as mulheres negras são empurradas para os espaços mais subalternizados, cozinhas ou bordéis e condenadas a uma existência marcada pela miséria e invisibilidade.

Diante de tanto desalento, Ponciá Vicêncio não se sentia pertencente a lugar algum, pois foi silenciada tanto pelas violências que enfrentou ao longo da vida quanto pelos abusos sofridos em seu casamento. Recolhe-se ao seu mundo interior, feito de lembranças e pensamentos, e, calada e solitária, deixa de encontrar formas de continuar existindo. Ribeiro (2019) leva a reflexão que “o falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir”. Dessa forma, Ponciá Vicêncio é silenciada pela dureza de ser mulher negra em uma sociedade que objetifica e violenta os corpos negros.

Essa realidade excludente e marginalizada não ocorre somente com Ponciá Vicêncio, mas também com outra personagem do romance, Biliza, que assim como Ponciá, ao chegar na cidade grande só encontra oportunidades de trabalho como empregada doméstica e como prostituta, o que mostra que a mulher negra sempre foi associada ao trabalho braçal, pouco valorizado e ao olhar estereotipado para seus corpos como objetos de prazer.

A objetificação de corpos femininos negros e a violência contra eles são aspectos evidenciados constantemente no romance, sobretudo no que diz respeito ao fato de que Biliza é assassinada de forma banal, em uma circunstância em que ela apenas havia decidido sair do prostíbulo e viver a vida com Luandi, o irmão de Ponciá.

Negro Climério havia matado a moça. Na cama, os panos, as linhas e a agulha com a qual ela preparava com afinco o seu enxoval. Luandi tremia. Negro Climério havia matado sua Biliza-estrela. (Evaristo, 2017, p. 97).

A realidade evidenciada no romance contrasta com aquilo que mulheres negras continuam vivendo no contexto brasileiro atual, onde ainda há uma carência significativa de políticas públicas que deem conta de solucionar os problemas da falta de representatividade feminina negra, das violências sofridas por mulheres negras e das exclusões vividas por elas.

Diante desse cenário, Ribeiro (2018) nos convida a refletir sobre a necessidade de ampliar o projeto democrático e ressignificar o conceito de humanidade, uma vez que pessoas negras, em geral, e mulheres negras, em particular, ainda não são tratadas como humanas (Ribeiro, 2018, p. 27). Em *Ponciá Vicêncio* (2017) essa desumanização é retratada de maneira constante, sobretudo na constatação de que aos negros só restava serem donos da miséria e da fome” (Evaristo, 2017, p.70).

Dessa forma, Ponciá Vicêncio não conseguiu realizar o sonho de comprar uma casa confortável, reunir a família e ter uma mesa farta na cidade grande encontra algum alento na arte de trabalhar o barro, no retorno ao lar e na presença dos seus. É nesse reencontro com suas origens que ela tenta suavizar um coração dilacerado pela dor e pelo sofrimento. Percebendo-se como “escrava do desespero, da falta de esperança, da impossibilidade de travar novas batalhas” (Evaristo, 2017, p. 72), Ponciá Vicêncio resiste por meio da memória e do gesto criativo. No entanto, é uma resistência carregada de traumas e dores, pois, Kilomba (2008) nos convida a refletir que o racismo é um produtor de trauma que produz feridas para a vida toda.

Considerações finais

O romance de Conceição Evaristo, cumpre uma função significativa no âmbito social, pois é atual e está inserido na realidade étnico-racial brasileira, nos instigando a refletir sobre a situação da população afro-brasileira e levando-nos a olhar para a outra face da história, silenciada e ocultada.

A produção literária de Conceição Evaristo representa o enfrentamento e resistência da mulher negra periférica. Seus textos dão voz aos silenciados, visto que se trata do

resultado da experiência de exclusão, da observação de uma realidade brasileira que a escritora transpõe para os negros marginalizados e suas personagens.

Desse modo, refletimos sobre a importância da escritora para o cenário literário atual e o quanto sua visibilidade pode empoderar outras mulheres na luta por igualdade social, seja por meio da escrita ou da resistência cotidiana.

Ademais, percebemos o quanto a personagem Ponciá Vicêncio sofreu com a invisibilidade e silenciamento. Subjugada e tendo sido, ao longo da vida, relegada a espaços subalternos, Ponciá é a representação da maioria das mulheres negras do país. Realizar essa análise foi tarefa intensa e provocante, visto que as durezas apresentadas contrastadas com a realidade, nos causam indignação e revolta, mas sobretudo um desejo de mudança.

A produção literária de Conceição Evaristo assume a função social de denunciar as desigualdades e o racismo estrutural, apresentando de forma fidedigna as opressões vividas pelas mulheres negras, que são frequentemente marginalizadas tanto na literatura, quanto na vida social tendo sua pluralidade e potencialidade subestimadas. Suas vozes e lutas são ignoradas, e elas raramente são símbolos de inspiração e vistas como agente de transformação. Assim, a obra é de grande relevância e nos instiga a refletir sobre a história que foi silenciada ao longo do tempo.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2019.

CÂNDIDO, Antônio. **O Direito à literatura**. Ouro sobre azul, Rio de janeiro 2011.

CASTANHEIRA, Cláudia. **Escritoras brasileiras: momentos-chave de uma trajetória**. Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 9, julho 2011.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

GOMES, Heloisa Toller. Minha mãe sempre costurou a vida com fios de ferro. In: EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2019.

KILOMBA, Grada. **Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism**. Münster: Unrast Verlag, 2008. Disponível em: <<https://goo.gl/w3ZbQh>>. Acesso em: 28 dez. 2025.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Pólen, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do Feminismo Negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SCHMIDT, R. T. Repensando a cultura, a literatura e o espaço da autoria feminina. In: NAVARRO, Márcia H. (Org.). **Rompendo o silêncio**. Gênero e literatura na América Latina. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1995. p. 182-189. (Ensaaios)

SILVA, M. C. F. As pedras no caminho da mulher escritora: da senzala à escrivadinha. In: RAMOS, I.; DAROLT, P.; RODRIGUES, S. (Orgs.). **Ensaaios de lírica**: das tradições às formas do contemporâneo. 1. ed. Cuiabá: Carlini & Caniato Editorial, 2024.

TELLES, Norma. **Rebeldes escritoras, abolicionistas**. Revista História [online], São Paulo, 120, p. 73-83, jan./jul. 1989. Disponível em:
<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18593>. Acesso em: 27 mai. 2025.